


Entrelaçamentos identitários por meio da inter-relação literatura/psicanálise em *Copo Vazio*, de Natalia Timerman

Identity interweaving through the literature/psychoanalysis interrelation in *Copo Vazio*, by Natalia Timerman

Noah de Aguiar Pinho¹ 

Altamir Botoso¹ 

¹Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil.

Emails: noahdeaguiarpinho@gmail.com; abotoso@uol.com.br

RESUMO: A presente pesquisa objetiva estabelecer uma relação entre a literatura e psicanálise por meio da análise da obra *Copo Vazio*, de Natalia Timerman (2021). Na obra em questão, com o apoio dos escopos delineados por Freud (2022) e Lacan (2007) em conjunto com as heterotopias de Foucault (2013), procura-se compor uma visada psicanalítica de caráter contemporâneo em relação ao romance de Timerman e, em particular, aos aspectos que abrangem a sua personagem central. A partir dessa abordagem, alça-se a elucidação de matrizes subjacentes ao prazer e desprazer, desde a esfera subjetiva até a dimensão coletiva, bem como suas interconexões com o mundo externo e interno, no bojo dos impactos relativos à consolidação da imagem identitária da protagonista, que se depreende durante a leitura do referido romance.

PALAVRAS-CHAVE: Natalia Timerman; *Copo Vazio*; literatura e psicanálise; literatura brasileira

ABSTRACT: The present research aims to establish a relationship between literature and psychoanalysis through the analysis of the work *Copo Vazio*, by Natalia Timerman (2021). In the examined work, with the support of the scopes outlined by Freud (2022) and Lacan (2007), in conjunction with Foucault's heterotopias (2013), an attempt is made to compose a contemporary psychoanalytic perspective regarding Timerman's novel, particularly focusing on aspects related to its central character. Through this approach, the elucidation of underlying matrices of pleasure and unpleasure is elevated, spanning from the subjective realm to the collective dimension, along with their interconnections with both the external and internal worlds. This unfolds within the context of the impacts relevant to the consolidation of the protagonist's identity image, which becomes evident throughout the reading of the aforementioned novel.

KEYWORDS: Natalia Timerman; *Copo Vazio*; literature and psychoanalysis; Brazilian literature

COMO CITAR

PINHO, Noah de Aguiar;
BOTOSO, Altamir.
Entrelaçamentos identitários por meio da inter-relação literatura/psicanálise em *Copo Vazio*, de Natalia Timerman. *Revista da Anpoll*, v. 56, e1922, 2025. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.1922>

1 Introdução

A proposta deste artigo consiste em realizar uma interseção entre literatura e psicanálise por meio da análise da obra *Copo Vazio*, de Natalia Timerman (2021). Para alcançar esse propósito, será realizada, inicialmente, uma breve introdução aos fundamentos teóricos da psicanálise, destacando contribuições de Freud (2022) e Lacan (2007).

Nesse contexto, serão abordadas questões-chave concernentes à identidade a fim de investigar como ela pode ser harmoniosamente conectada, levando em consideração os estudos dos referidos pensadores. Serão explorados conceitos como prazer e desprazer, sadismo, estrutura psíquica freudiana, consciência e inconsciente, espelho lacaniano e a *imago*, proteção contra estímulos, projeção, adoecimento psíquico, recalque, impulso libidinal, traumas e individualização. Sob a influência social, será realizada um exame conciso sobre o capitalismo afetivo e as heterotopias foucaultianas com o intuito de compreender o ambiente contemporâneo no qual a protagonista da obra literária em questão está inserida.

Com o objetivo de realizar uma análise adequada do escopo delineado, o presente estudo será estruturado em duas seções: “Aspectos teóricos: desvios e derivações” e “A dialética de identidade psicanalítica na análise de *Copo Vazio*”.

2 Aspectos teóricos: desvios e derivações

As relações entre a literatura e a psicanálise ampliam, via abordagem comparativa, os sentidos e significados de um texto através de seus elementos compartilhados. Na medida em que a identidade individual e coletiva é construída por intermédio da escrita, a literatura se manifesta como expressão concreta da linguagem. Nesse contexto, sob a perspectiva psicanalítica, a literatura pode ser interpretada como uma manifestação simbólica do inconsciente. Assim, a escrita pode nos formar humanamente, tanto pela perspectiva literária e linguística quanto pela psicanalítica (Bellemin-Noël, 1978).

Desta forma, o *corpus* deste artigo mobiliza abordagens psicanalíticas que, em determinados momentos, são revisadas por meio de um viés ensaístico ou metafórico. Esse procedimento permite reconsiderar a própria psicanálise enquanto fundamento teórico, na medida em que a linguagem do inconsciente e a linguagem literária podem se imbricar. Como observa Antonio Candido (1995, p. 242),

[...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização, e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Para iniciar a incumbência de tratar da psicanálise e, em seguida, avançar para a análise literária de *Copo Vazio* (Timerman, 2021), nesse sonho acordado nas civilizações, é necessário retomar as contribuições freudo-lacanianas. Lacan (2007) afirmava que, a partir do momento em que o sujeito fixa sua identidade, sua *imago*, estabelecem-se também os elementos estáveis e instáveis que o constituem, por meio de experiências de prazer e desprazer. Nesse processo, consolida-se o ego pela consciência da realidade circundante, tanto do próprio corpo quanto dos objetos exteriores.

Já Freud (2022), em sua investigação psicanalítica, sustenta que a consciência (Cs) funciona como uma fronteira entre o mundo exterior (consciente) e o mundo interior (inconsciente), sem, contudo, corresponder a um lugar anatômico, mas a um “lugar” atópico. Nesse sentido, as excitações provenientes do exterior se refletem em sensações de prazer e desprazer no interior psíquico. Sob essa perspectiva, tais experiências configuram-se, de modo primordial, quando o sujeito estabelece sua estabilidade diante do espelho, introduzindo uma imagem que pavimenta suas “águas profundas” e ambivalentes. Essas instâncias são mediadas pelo ego, possibilitando ao sujeito tornar-se sociável. É justamente a esse processo que Lacan (2007) faz referência ao afirmar que

A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costumar dizer, do *Innenwelt* [mundo interior] com o *Umwelt* [mundo circundante]. (Lacan, 2007, p. 100).

Essa compreensão relacional entre mundo interior e mundo circundante permite refletir sobre a forma como os diferentes aspectos do eu se articulam no psiquismo. Embora o inconsciente seja atópico, propõe-se a seguir uma estrutura especulativa que busca visualizar essas imbricações. Parte-se da noção de que o *eu-comigo* e o *eu-outro* são formulações autorais, elaboradas com o objetivo didático de interpretar a perspectiva freudo-lacaniana:

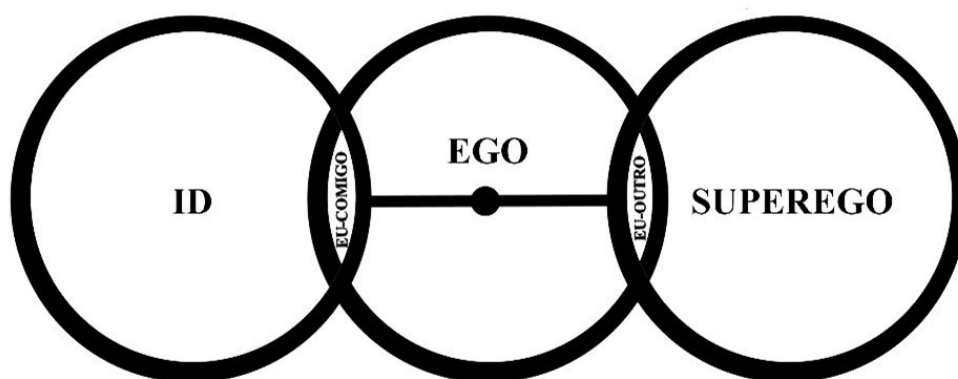


Figura 1 – *Eu-comigo* e *eu-outro* como dimensões dinâmicas do *ego*

Fonte: Elaboração do autor

A imagem sugere que, na fronteira entre id e ego, localiza-se o *eu-comigo*, entendido como a fissura divisória do “eu” que, em contato com o princípio de realidade, possibilita o acesso aos desejos recalçados. É também o ponto em que se manifestam, sob intensa pressão, tanto o investimento libidinal primário quanto a identificação e a ilusão de unidade do Eu Ideal. Nesse espaço, o indivíduo realça seus prazeres mais primários, mas também vivencia desprazeres que, quando não encontram descarga, podem irromper contra os limites da realidade e da moral. Tais experiências produzem dor, mas uma dor anestesiada, já que a pressão sobre o *eu-comigo* desprazeroso pode ser tão intensa a ponto de “contaminar”, momentaneamente, o agenciamento do ego.

Por sua vez, o *eu-outro*, situado na fronteira entre ego e superego, corresponde à fissura do “eu” que acessa conflitos e desejos modulados pela relação entre o princípio de realidade e o laço social. Nesse espaço, ocorre maior investimento libidinal secundário, evidenciando a fratura e a busca do Ideal do Eu em direção ao outro e ao Outro. O prazer aí se manifesta na identificação imagética, nas figuras parentais e nas exigências normativas com o agente social. Entretanto, sob a forma do desprazer, esse mesmo campo é marcado por punições, humilhações sociais e sentimentos de culpa diante da incapacidade de corresponder a modelos pré-estabelecidos, o que enfraquece a inserção social do sujeito e, por consequência, seu princípio de realidade. O reconhecimento de si como “não merecedor” pode, paradoxalmente, funcionar como uma forma de prazer, na medida em que representa uma maneira de respeitar o agente superegótico, ainda que ao custo de um abalo do ego.

A película de proteção contra estímulos, segundo Freud (2022), teria a função de evitar a oscilação constante entre prazer e desprazer dos investimentos psíquicos primários e secundários por meio do recalçamento, de modo que a estabilidade do ego e sua relação com o mundo exterior não fossem continuamente desestruturadas, permitindo, assim, que o indivíduo se aproprie do mundo de maneira adequada. Nas palavras de Freud (2022, p. 81):

Para o organismo vivo, a proteção contra estímulos é uma tarefa quase mais importante que sua recepção; ele é provido de um estoque de energia próprio e precisa, sobretudo, estar empenhado em proteger as formas especiais de conversão de energia que nele ocorrem contra a influência niveladora, ou seja, destruidora, das imensas energias que trabalham no exterior.

Em virtude disso, a película atuaria como filtro, um escudo, com o objetivo de permitir que o sujeito preserve sua realidade e não se torne uma “esponja viva”, suscetível a autodestruição sob a influência desprazerosa a partir do *eu-comigo* e do *eu-outro*, funcionando como “antenas” que tateiam e, repetidamente, se retraem por meio do recalçamento (Freud, 2022).

Para Freud (2022), as relações desprazerosas, assim como as prazerosas, buscam a compulsão repetitiva das experiências, elencando-se, dessa forma, “além do princípio do prazer”, levando o título de uma de suas obras. Neste sentido, Freud não desconsidera o protagonismo do prazer, mas assume que o desprazer também pode ser prazeroso em algum outro sistema, desconhecido, que é o inconsciente, assumindo que “[...] talvez não tenhamos quaisquer outros impulsos senão os libidinais” (Freud, 2022, p. 127). Esses investimentos se sobrepõem no *eu-comigo* e no *eu-outro*, onde se localizam, respectivamente, os principais investimentos libidinais primários e secundários (conjectura nossa). Quanto mais esses investimentos libidinais são compulsivamente repetidos, mais a película de proteção tateia, correndo o risco de, em algum momento, ser rompida. Nesse caso, além do recalçamento, ocorre a fissura do narcisismo, acompanhada de desprazer intenso.

Nesse contexto, introduz-se um adendo à especulação psicanalítica, ressaltando que não se discorrerá com maior ênfase aqui, uma vez que este artigo concentra-se, primordialmente, na área de Literatura Comparada, e não de um excerto exclusivamente psicanalítico. Entretanto, essa abordagem se mostra necessária para a análise que será efetuada na sequência de nossa argumentação.

Aborda-se a possibilidade de que o sujeito, em sua busca paradoxal e compulsória pelo prazer e pelo desprazer, vise, primordialmente, a solidificação de sua identidade, para além das divisões libidinais do *eu-comigo* e do *eu-outro*. Essa busca configura numa outra “espécie de prazer” que se manifesta na tentativa de obter respostas mais incisivas diante de sua ambivalência identitária. Nesse sentido, o ser humano procura soluções para a consciência, que se apresenta incompleta, “traduzindo” traumas fundamentais para seu funcionamento integral. Tal processo não se limita a nivelar ou satisfazer os investimentos libidinais mais básicos, mas constitui também uma tentativa de integrar o aparelho psíquico, superando conflitos internos.

Diferentemente dos animais, que são impulsionados principalmente por instintos e agem segundo essa configuração psíquica, o sujeito é guiado pelo enraizamento identitário, dado que seu aparelho psíquico é muito mais complexo e é estruturado pela consciência. Enquanto os animais buscam viver plenamente seus instintos, os sujeitos tendem a superá-los, utilizando a complexidade de sua psique como recurso para a elaboração consciente.

Nesse contexto, o *eu-comigo* e o *eu-outro* funcionam como investimentos recursais que refletem características instintivas, mas também servem como instrumentos para transcender essas limitações. Os investimentos libidinais, ao buscarem satisfação simultaneamente à manutenção da película de proteção psíquica, parecem, paradoxalmente, procurar a própria autossabotagem, na fissura dessa proteção. Quando essa fratura ocorre — seja no *eu-comigo* ou no *eu-outro* — surge a oportunidade de reintegrar e reconstruir a película de forma mais satisfatória para o aparelho psíquico, por meio da interiorização de seus conflitos, repetindo-se continuamente o processo em uma busca constante por um *eu-integro*; ou, alternativamente, de apenas nivelar os seus investimentos libidinais mais básicos, como Freud propunha.

No entanto, a referida possibilidade levanta contradições em relação ao protagonismo libidinal sexual freudiano na compreensão dos impulsos, uma vez que Freud não acreditava que o ser humano fosse movido pela sabedoria e pela razão, rotulando-o, nas palavras de Nietzsche, como “super-homem”. Para Freud, o humano é reprimido, incapaz de desfrutar plenamente dos prazeres. O que se questiona aqui é que o impulso movido pela sabedoria e pela razão, que se manifesta repetidamente, poderia ser interpretado como a expressão dessa “outra espécie” de prazer. Além disso, o ser humano é reprimido não apenas pela insatisfação do *eu-comigo* e do *eu-outro* — que se relacionam a aspectos mais instintuais, típicos de configurações psíquicas básicas, semelhantes aos animais —, mas também pela busca de completude integral, reflexo da complexidade de sua psique, “além do espelho”.

Diversas culturas estabelecem paralelos entre o âmago da condição humana e as profundezas insondáveis dos oceanos. Nesse sentido, quanto mais profundamente se adentra nas entranhas do mar, maior é a pressão experimentada pelo explorador, podendo haver implicações fatais para sua existência. De forma análoga, e adotando uma linguagem ensaística e metafórica em substituição à abordagem técnico-clínica anteriormente utilizada, essa dinâmica se desdobra no âmbito humano, exigindo a capacidade de adaptar o “corpo” às incursões interiores. Tais adaptações favorecem a evolução do sistema de consciência, conferindo uma perspectiva renovada sobre a própria identidade diante do mundo interno e, possivelmente, do externo, considerando que todas as forças psíquicas têm origem no plano interior.

O desprazer surge como consequência dessa inserção parcial da consciência no inconsciente. A incursão é invariavelmente dolorosa e ambivalente, pois o recôndito psíquico abriga, em consonância com a metáfora marinha, “entidades desconhecidas e monstruosas”. Por isso, a jornada requer preparação exaustiva, de modo a avistar e reconhecer essas entidades como parte intrínseca do próprio ser, em um percurso quase “alquímico” entre os planos consciente e inconsciente.

Esse processo traz consigo um benefício: a adaptação, comparável a um “escafandro psíquico”, que possibilita a atualização do sistema consciente e a integração gradual tanto do *eu-comigo* quanto do *eu-outro*. A travessia, embora desprovida de prazer imediato, culmina em uma experiência potencialmente gratificante.

A partir de todas as considerações expostas, a análise da narrativa *Copo Vazio* (Timerman, 2021) será realizada através da leitura psicanalítica apresentada, visando abarcar os seus significados e enfocando as relações entre literatura e psicanálise.

3 A dialética de identidade psicanalítica na análise de *Copo Vazio*

Natália Joelsas Timerman é médica psiquiatra, psicoterapeuta, pesquisadora e escritora brasileira. Finalista do 62º Prêmio Jabuti com a obra *Rachaduras* (2019), também é autora de *Desterros* (2017), *Copo Vazio* (2021), *Os Óculos de Lucas* (2022) e *As Pequenas Chances* (2023). Embora sua produção literária esteja bem situada no cenário contemporâneo, observa-se até o ano de 2025 uma escassez de estudos publicados a seu respeito, em especial sobre a obra *Copo Vazio* (Timerman, 2021), que é o *corpus* deste artigo.

Publicado em 2021 pela editora Todavia, a obra narra a trajetória de Mirela, arquiteta paulistana bem-sucedida que, após envolver-se em uma relação efêmera com Pedro, enfrenta um processo de desestabilização emocional desencadeado pelo *ghosting*.¹

A estrutura de *Copo Vazio* (Timerman, 2021) apresenta uma peculiaridade na forma como distribui seus capítulos, intitulados “Antes”, “Hoje”, “Agora” e “Depois”. Essa fragmentação temporal rompe a linearidade narrativa e coloca a protagonista, situada em um tempo futuro, em constante deslocamento por diferentes momentos de sua experiência. Nessa oscilação, emergem os primeiros sinais do *ghosting* já incorporados à própria materialidade do enredo, como se a personagem abrisse e fechasse o fole de suas emoções, inflamadas pelo abandono. O efeito é comparável ao som de um acordeão: um mesmo sofrimento é repetido em variações incessantes, expandindo-se e retraindo-se sem resolução.

¹ O vocábulo *ghosting* foi eleito pelo dicionário britânico Collins como uma das palavras do ano de 2015. Derivada do inglês *ghost* (fantasma), o termo tem sido usado para designar uma forma de terminar relacionamentos na era digital em que a pessoa desaparece, tal qual um fantasma, e deixa de responder às mensagens dos aplicativos e redes sociais, eximindo-se de dar qualquer explicação. A profusão de discursos acerca desse vocábulo parecem alguns indícios acerca do que se diz sobre os relacionamentos amorosos, num momento histórico marcado prioritariamente pelas tecnologias digitais, bem como sobre as formas de subjetividade que são produzidas a partir desses discursos (Silva; Barbosa, 2016, p. 265-6).

Tal recurso repercute também na focalização narrativa. Nos capítulos intitulados “Depois”, por exemplo, a voz adquire tonalidade retrospectiva, articulando, de modo subjetivo e fragmentário, movimentos de *flashback* (*analepses*) e *flashforward* (*prolepses*). O fenômeno do “*ghosting* narrativo” se manifesta ainda na escolha pelo discurso indireto livre, que, ao eliminar marcas convencionais como aspas e travessões, embaralha fronteiras entre narrador e personagem. Essa indistinção gera zonas de ambiguidade, sobretudo em passagens de forte carga reflexiva, nas quais a consciência da narradora e a interioridade da protagonista se confundem por completo.

Outro aspecto relevante diz respeito ao modo como a obra organiza seus planos narrativos. Em termos teóricos, o primeiro plano corresponde ao núcleo da ação, dos conflitos e personagens centrais, enquanto o segundo plano reúne elementos secundários, como cenários, personagens periféricos ou eventos coadjuvantes, que ampliam, contrastam ou contextualizam o enredo. Em *Copo Vazio* (Timerman, 2021), entretanto, tudo é absorvido pelo primeiro plano, evidenciando a fixação obsessiva de Mirela em perseguir uma completude narcísica, beirando o *eu-comigo* e o *eu-outro*. Esse movimento elimina a possibilidade de um segundo plano autônomo, já que até Pedro, objeto de desejo, não ganha destaque suficiente diante da protagonista. A tentativa de Mirela de manter controle absoluto sobre a narrativa a torna paradoxalmente banal, revelando um excesso que, por sua vez, aponta para uma falta estrutural. Esse vazio reverbera como uma homogeneização espectral, outra forma de inscrição do *ghosting* na obra.

Assim, o *ghosting* em *Copo Vazio* (Timerman, 2021) não se limita ao episódio amoroso entre Mirela e Pedro, no espectro de conteúdo, alterando também a forma. Ele se configura como ausência constitutiva, que fragiliza o “eu narcísico” idealizado e o submete a uma dinâmica de desejo insaciável: quanto mais próximo do objeto amado, mais intenso é o impulso, mas, diante da impossibilidade de posse, esse mesmo desejo se retrai de maneira devastadora, afetando a materialidade. O abandono inicial retorna como experiência interiorizada, marcada pela tentativa frustrada de equilibrar investimentos libidinais primários e secundários, cuja “película protetora” se encontra fraturada e sem resolução, sem que ela busque reconstituí-la por meio da investigação de um *eu-integro*. Desta forma, Mirela revive continuamente o abandono que a marcou, fruto de uma casualidade ao mesmo tempo excitante e negligenciada, fragilizando todos os seus agenciamento psíquicos, deixando-os em limbo tornando-se, sobretudo, o *ghosting* de si mesma.

Portanto, para compreender de modo mais aprofundado o funcionamento do *ghosting* na narrativa, é necessário retomar a infância de Mirela, marcada, em aparência, por uma normalidade irrepreensível, excetuando-se três episódios que deixaram traços traumáticos em sua formação. Tais acontecimentos demandam uma análise mais precisa sob a ótica psicanalítica. São eles:

1. Seus pais se separaram quando ainda era uma criança;
2. Seu pai faleceu pouco tempo depois de Mirela passar a morar sozinha;
3. Sua mãe permaneceu em um estado de amargura.

A separação dos pais, aos 9 anos de idade, gerou um inesperado trauma em Mirela. Das constantes festas, surgiu a solidão, tornando a casa um espaço opressivo, marcando um vazio alarmante em seu interior.

A casa da mãe sempre rescendeu a tabaco, desde que os pais eram casados. Leda e Tadeu gostavam de festas e sempre havia muita gente e uma constante névoa cinza, que durava mesmo quando estavam só os dois: acendiam, ambos, um cigarro atrás do outro. Daquele tempo, a separação dos pais quando Mirela tinha nove anos deixou só a fumaça. [...] O vazio da casa era desproporcional à ausência de uma só pessoa: as paredes adquiriram uma tinta melancólica que a idade de Mirela não conseguia traduzir para além de um incômodo constante e endurecido. Os anos acrescentaram pouco a pouco camadas de compreensão ao seu olhar, mas era uma compreensão imprecisa. A mãe, o cigarro sempre aceso, a fumaça bruxuleando, o olhar perdido – talvez fosse disso também que Mirela quisesse se afastar: da mediocridade do cotidiano de sua mãe, aquele envelhecer sem sentido, vida desperdiçada todo dia. E do que restou das lembranças do pai na casa quando ele morreu de infarto, pouco menos de um ano antes de Mirela se mudar. (Timerman, 2021, p. 14).

A morte do pai logo após a separação aponta para uma sensação de inacabamento eterno, que gerou uma profunda experiência, e, nesse contexto, a dor e a atmosfera da casa remetem ao evento vivenciado. O estado emocional da mãe, que permaneceu “presente”, revelou outro tipo de sofrimento e desconolação que Mirela não conseguia suportar, uma vez que esses sentimentos reacendiam o seu próprio trauma. Observando a situação à luz da análise psicanalítica, é possível considerar que a película protetora impediu a expressão completa da dor em Mirela, impelindo a imagem sofredora de sua mãe, levando-a a mudar-se para outra residência, com o objetivo de manter a imagem do seu *eu-outro* ancorada na estabilidade de uma vida bem-sucedida.

Por outro lado, o *eu-comigo* de Mirela, conforme será exemplificado adiante, a conduziu a buscar seu reencontro identitário, resultando em repetir questões, ainda que inconscientemente, e desprazerosas, que permaneciam pendentes desde sua infância sob a figura de Pedro, quando Mirela se encontrava no apogeu de seu sucesso. Pode-se inferir que ao alcançar o prazer perfeito da imagem externa, a imagem de dentro se contorceu, também buscando o seu reencontro, levando-a a repetir seu trauma em busca de fixação e reparo interior a fim de estabelecer-se como *eu-íntegro*.

O desprazer de sua imagem ideal, contudo, não demora para ser abalado quando Mirela não é imediatamente correspondida após trocar mensagens iniciais com Pedro, que conheceu em um aplicativo de relacionamentos mediante insistentes convites de sua irmã. Vale destacar que o momento da “não-correspondência” acarretou no rompimento da película protetora por meio da surpresa, ressonando o desprazer e a autocomiseração da personagem:

No fim da tarde, Mirela escreveu perguntando se estava tudo certo. Pedro demorou duas horas e meia para não responder nada e ela tenta telefonar. Pedro não atendeu. Mirela voltou andando do trabalho para casa. Claro que aquilo não poderia dar certo. Queria chorar no banho com pena de si. (Timerman, 2021, p. 18).

Nota-se que o silêncio de Pedro acarreta o sofrimento de Mirela, que percebe que algo não vai bem no relacionamento de ambos e o desejo de chorar manifesta-se como uma maneira de externar esse sofrimento. Sua imagem ideal é desconstruída e substituída pela autoflagelação emocional. Assim, ela passa a querer, paulatinamente, a desconstruir a estável imagem do *eu-outro* e a imergir, quase como um convite paulatino, a se relacionar com o *eu-comigo*, interno e ambivalente, provido de traumas não resolvidos.

Outro trecho que descontrói a imagem idealizada do *eu-outro* é observado quando Mirela adentra no banheiro e se contempla no espelho – o espelho lacaniano que fixa é confrontado do avesso, da propulsão ambivalente de sua outra face, inacabada e insistente. A sensação de desprazer é veementemente sentida diante da turbulência interior. O *eu-outro* já não se mostra perfeito e encantador; necessitando de outra completude além do exterior: o *eu-comigo*:

Mirela se olhou no espelho. Diziam tanto que era bonita. Ela às vezes concordava, mas não acreditava na consciência da própria beleza. Precisava da eterna confirmação do olhar alheio, das palavras, do outro que sempre anuncia, a cada vez como uma novidade, mesmo a beleza mais antiga. (Timerman, 2021, p. 18).

A beleza que desejava para si era outra, mas os entraves ao dialogar com o *eu-comigo* iam além, implicando-a em circunstâncias sociais inflamadas pelas expectativas impostas da feminilidade com seu *eu-outro*, naquele momento frágil, que despertavam em Mirela a feiura de ter sido deixada pela sua primeira figura masculina, o pai:

Não pensava na cilada em que toda beleza excessiva lança uma mulher, a maldição que a prende no abismo entre sedução e rejeição: se a quisessem, o motivo seria sua beleza, e não para quem era além daquele rosto, daquele corpo; se não a quisessem, seria tão precária, tão profundamente feia, que nem a beleza havia conseguido disfarçar. (Timerman, 2021, p. 18).

À procura de si, ela empreendeu uma busca inconsciente do ambiente propício para o reencontro com o *eu-comigo* valendo-se do acesso ao aplicativo de relacionamentos, não obstante os inerentes riscos envolvidos que a película protetora inicialmente a prevenia. Contudo, ao encontrar-se ébria, Mirela sabotou sua película a fim de repetir seus traumas sob o impulso inconsciente em vista de “traduzi-los” e, enfim, reencontrar-se com o *eu-comigo*, para além do espelho. É nesse processo que ela conhece Pedro, que logo desaparece.

O ápice do desprazer e do confronto com a película protetora manifesta-se quando Pedro desaparece efetivamente por meio do *ghosting*, desencadeando em Mirela um colapso psíquico que se expressa de modo exacerbado no metrô de São Paulo:

[...] próxima estação, umas duas cabeças à sua frente nota um homem, alto, o tamanho de Pedro, o cabelo preto grudento de suor, consegue ver quase metade de seu rosto, a pele acinzentada e áspera da barba crescendo, alguma beleza escondida por detrás daqueles traços, o maxilar duro, grande, o que é a beleza?, e Mirela aperta os dentes com força e subitamente percebe em si uma raiva já envelhecida, enferrujada, mas sempre na iminência de sair da hibernação na qual nunca chega de fato a entrar, um estofado raivoso por dentro das juntas, das veias, e percebe então que poderia, tão naturalmente quanto ceder assento a uma mulher grávida, abrir caminho por entre aquela gente lotada que empurraria para os lados e por quem passaria até chegar àquele homem, e esparramando os músculos até então contraídos puxaria seu cabelo úmido até o arrancar, com uma, com as duas mãos, e aquele homem se curvaria para trás na direção da força dela, sem entender absolutamente nada, e doeria, e Mirela cravaria os dentes pouco a pouco na pele áspera, na bochecha, e os afundaria, fazendo força no maxilar como se fosse um bife duro, e sentiria o gosto metálico de sangue e o gosto de sangue da dor e então juntaria toda a força do seu corpo e a concentraria agora no joelho que golpearia as costas dele fazendo-o curvar-se ainda mais, e rasgaria sua roupa com as mãos, com os dentes ensanguentados, e o deixaria nu, e o jogaria no chão e então pisaria nele [...]. (Timerman, 2021, p. 23).

Esse episódio do metrô privilegia a fantasia sádica de Mirela; contudo, essa fantasia encontra sustentação numa operação projetiva: ao reconhecer no homem a figura de Pedro, ela materializa o desprazer a fragilidade do *eu-comigo* e delimita um alvo para sua agressividade fantasiosa. Assim, Mirela identifica um homem que lhe lembra Pedro e transfere para ele o desprazer que sente. Essa atribuição, fazer do outro o portador do desprazer, é uma projeção, porque desloca para fora algo interno, criando um alvo sobre o qual a fantasia sádica pode se concentrar. Assim, a projeção organiza o objeto; e o sadismo organiza a ação/fantasia contra ele.

No metrô, entretanto, o sadismo não se concretiza em ação efetiva; permanece no plano fantasioso, derivado do investimento libidinal primário, o *eu-comigo*, mobilizado pelo Eu Ideal. Quando o anúncio da próxima parada soou, predominou o princípio da realidade, e ela retornou a si. Isso indica que a compreensão projetiva, seguida pela fantasia agressiva, pode ter, ainda que temporariamente, promovido certa satisfação à fragilidade do *eu-comigo*.

O desprazer, expresso sob a forma de sadismo, encontra ressonância com a postura da criança freudiana, possivelmente impulsionada por vingança ou rebeldia, que repetitivamente recriava o “abandono” quando distante de sua mãe, quase como uma forma de recriar o momento de sofrimento, porém com um senso de controle sádico sobre a situação. Freud (2022, p. 57) constata o referido ato infantil vingativo em *Além do Princípio de Prazer*:

A interpretação da brincadeira era óbvia então. Relacionava-se com o grande efeito cultural da criança, com a renúncia impulsional (renúncia à satisfação dos impulsos) que ela tinha realizado ao permitir que a mãe fosse embora sem opor resistência. A criança se compensava, por assim dizer, encenando ela própria esse mesmo desaparecimento e retorno com os objetos a seu alcance.

De maneira análoga à dinâmica da criança no quadro freudiano, Mirela manifesta a “projeção sádica” com o objetivo de submeter-se a um domínio diante da angústia, buscando assim extrair um resquício de prazer proveniente do *eu-comigo*, que é concebido como idealmente estável, exitoso e autodominante.

Com base em todos esses elementos destacados, constata-se que o envolvimento com Pedro não foi uma relação entre-os-dois, profunda e madura, mas um entrecruzamento de imagens não resolvidas, no decorrer da narração. A relação é destacada pelo modo pelo qual Mirela concebe Pedro como epicentro de sua vida, conferindo-lhe poder total, que é, por vezes, agressiva e desmedida. Assim sendo, a protagonista do romance é comandada, explorada, ferida e humilhada por ela mesma antes que pela representação de Pedro, que é a sua própria figura pessoal, ficando assim com o “coração da dor” (Timerman, 2021, p. 20).

Além da relação com Pedro, também se evidenciam conflitos nas interações que Mirela estabelece com as demais personagens. A protagonista revela indícios de identificação com a figura materna, apropriando-se da dor desta e projetando-a em si mesma diante de Pedro, que assume, nesse contexto, o lugar metafórico do pai. Essa dinâmica expõe uma ligação de caráter infantil, marcada pela tentativa de suprir as carências afetivas que foram observadas e interiorizadas e que persistem na vida adulta. Assim como sua mãe, que permaneceu e sentiu um silêncio diante da ausência do marido, Mirela reproduz o mesmo comportamento frente à ausência de Pedro, perpetuando um ciclo de aprisionamento emocional.

Nesse sentido, as manifestações psíquicas da protagonista, encobertas pela representação nebulosa do amor, configuram esforços para restabelecer um elo perdido em sua trajetória.

Trata-se de uma fratura que perpassa tanto a relação do *eu-comigo* quanto pelo *eu-outro*, enraizada no trauma advindo das relações afetivas de seus pais. O sofrimento causado por Pedro reflete, por sua vez, o chamado “grande trauma” da infância, que Mirela revive de forma inconsciente. Mais do que buscar uma resolução, ela insiste em reencenar essa dor com o prazer e o desprazer desesperados, ainda que sem efetiva elaboração. Essa repetição compulsiva do trauma não se configura como um episódio isolado, mas como um eixo estruturante da narrativa, manifestando-se de forma recorrente ao longo das 140 páginas do romance, evidenciando o *ghosting* narrativo. Todavia, para fins desta análise, optou-se por concentrar a atenção apenas nas primeiras 35 páginas da obra, de modo a evitar redundâncias na exposição dos conflitos que atravessam a protagonista.

Por último, urge empreender uma análise ousada e concisa sobre o ambiente social tecnológico e sua interação com o psiquismo, que são estimulados no sistema capitalista de múltipla escolha ao estabelecerem as interações humanas virtualmente, configurando uma relação temporal e existencial que evoca analogias às heterotopias foucaultianas.

Segundo Foucault (2013), as heterotopias são espaços sociais que instauram realidades simbólicas. O pensador afirmava que tais locais funcionam como espelhos, refletindo elementos simbólicos intrínsecos a eles. Assim, a materialidade dos lugares transcende sua manifestação física, uma vez que evocam sensações internas. As igrejas, por exemplo, extrapolam sua dimensão física ao criar um espaço alternativo para manifestações profundas e espirituais, evocando sentimentos nos presentes e alterando percepções do mundo circundante. Esta relação estabelece uma conexão entre espaço, poder e identidade, cuja influência permanece como memória após deixar o recinto.

Desse modo, as heterotopias foucaultianas podem ser compreendidas em diálogo com a noção lacaniana de imagens, transpostas, contudo, para a esfera do coletivo. O espaço físico, nesse contexto, não apenas reflete, mas também estimula o *eu-outro*, configurando-se como instância organizada e estruturada, destituída de ambiguidades existenciais. Tais experiências, porém, são atravessadas pelo superego, instância psíquica que, longe de exercer uma função meramente reguladora das interações sociais, revela-se como instância moral sádica e tirânica, orientada pelo imperativo de gozo. Não se limita, portanto, a reprimir, mas funciona como um agente de acusação incessante, produtor de culpa e sofrimento, tanto quando o sujeito se submete às suas exigências quanto quando busca satisfazer seus próprios impulsos. Por outro lado, os sentimentos e símbolos que esses espaços evocam são vivenciados no *eu-comigo*, domínio interno, marcado pela ambivalência, pela intensidade e pela necessidade mais primária de satisfação.

Sob essa ótica, no contexto da internet, pode-se identificar uma afinidade marcante com o caso das heterotopias foucaultianas que concerne à criação de um espaço ordenado e idealizado, contrastando com o caos do mundo físico. Nesse sentido, observa-se a característica intrínseca da interconexão digital, que não se limita pela localização física, tornando o espaço de separação simbólico curto e propiciando aos usuários a encenação quase íntegra do *eu-outro*, que é a imagem mais externa do eu, que se rejubila na perfeição estruturada, à custa da subestimação do eu interior.

Em outras palavras, a internet pode ser pensada como uma heterotopia reconfigurada, pois, embora não corresponda a um espaço físico nos moldes foucaultianos, compartilha com eles certas propriedades: inscreve-se em outros lugares, reúne múltiplos tempos e espaços em

um único *locus* e opera como contraespaço, suspendendo normas e instaurando novas lógicas de interação. Nesse sentido, o ciberespaço assume um caráter de alteridade, podendo funcionar como laboratório de dissidência, espaço ritualizado ou espelho crítico da sociedade, capaz de refletir, otimizar ou distorcer as relações sociais. É nesse ambiente que o sujeito encontra a possibilidade de personificar seu “alter ego mascarado” e infalível. Mirela, por exemplo, não precisa interromper ou reconfigurar abruptamente essa sensação ideal, já que tudo está posto e os dispositivos móveis mantêm o acesso permanente, a um clique de distância. Assim, ela se inscreve neste *locus* e encontra a imagem de Pedro.

De maneira análoga à concepção da heterotopia cibernética delineada, o estudioso Anselmo Peres Alós (2010, p. 71) observa que

A disseminação das redes digitais e a democratização do acesso à internet possibilitam, por sua vez, a construção de heterotopias virtuais extremamente funcionais na constituição de novas identidades sexuais, tais como as salas de virtual chats, as páginas virtuais de agências de acompanhantes e, mais recentemente, os sites de anúncios pessoais [...].

Logo, a internet se revela como um “não-lugar” formador, percebido e compreendido pelo *eu-outro* e pelo *superego*. Essa dinâmica estimula a capacidade dos sujeitos de vivenciarem uma sociedade do capitalismo afetivo, na qual, estando subordinados à imagem ilusória de uso e descarte, prioriza-se a projeção social perfeita do *eu-outro* em detrimento do *eu-comigo*, contribuindo, assim, para a disseminação da ditadura da positividade. Em conformidade com Byung Chul Han (2017, p. 29), filósofo contemporâneo, enfatiza que “Hoje em dia, o amor é positivado numa formulação de fruição. Ele precisa gerar sentimentos agradáveis. Ele não é uma ação, uma narração, nem sequer é mais um drama; antes, não passa de uma emoção ou excitação inconsequente”.

Em síntese, a rede online surge como um vasto espelho social do *eu-outro*, um reflexo constantemente abastecido pela busca contínua de prazer e estabilidade na realidade externa, assim como pela tentativa de retorno à natureza. Então, Pedro emerge desse “não-lugar” como uma solução sedutora para o *eu-outro* de Mirela. No entanto, além da superfície, seu papel central é evocar o despertar do *eu-comigo* na protagonista, representando assim um convite agridoce, que ecoa as nuances entre prazer e desprazer, tão profundamente exploradas pela lente psicanalítica.

4 Considerações finais

As análises desenvolvidas neste artigo buscaram oferecer uma leitura nas abordagens psicanalíticas freudo-lacanianas, elaborada em registro autoral e sustentada por linguagem ensaística e metafórica, em contraste com a perspectiva técnico-clínica tradicional. Tal escolha teve como finalidade contemplar a complexidade do eu em suas dimensões subjetivas e sociais, além de propor uma leitura literária que considere não apenas o conteúdo, mas também a materialidade da forma narrativa. A partir dessa orientação, identificou-se a emergência de um prisma psicanalítico que possibilita compreender as manifestações de prazer e desprazer, ao mesmo tempo em que aponta para a centralidade do redescobrimento identitário em detrimento de uma busca unilateral pelo prazer.

Um dos pontos centrais deste artigo, para além do viés psicanalítico — ainda que não inteiramente restrito a ele —, consiste em explicitar a complexidade do eu frente às interações que marcaram o sujeito nos primeiros anos de infância e que se reverberam na vida adulta sob a forma de compulsões de prazer e desprazer. Essas repetições traduzem a tentativa de alcançar uma estabilidade psíquica que, contudo, permanece tensionada pela hipótese de um recalçamento perpétuo. Tal perspectiva, embora polêmica por relativizar o papel primordial da libido sexual em Freud, não a exclui, mas a reinscreve em um campo mais amplo de compreensão do sujeito.

Além disso, o estudo em questão põe em evidência a *imago* social, que pode tanto favorecer quanto dificultar o processo de constituição dos “eus”, dado que nos apropriamos e nos identificamos continuamente com o mundo circundante. Assim, as análises aqui desenvolvidas não desconsideram o organismo social como elemento constitutivo do desenvolvimento psicanalítico do sujeito. Nesse horizonte, a escolha de uma obra contemporânea que reflete os matizes do capitalismo e da tecnologia foi deliberada, buscando articular tais princípios também à investigação literária, sem, contudo, negligenciar a análise da forma narrativa contemporânea.

Em última instância, este estudo, inspirado na abordagem psicanalítica, busca compreender a compulsão de Mirela em relação a Pedro diante do sofrimento gerado pelo *ghosting*. Tal análise evidencia os embates mediados pelo ciberespaço, articulando a expressão do amor em suas dimensões subjetiva e social no contexto contemporâneo.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Noah de Aguiar Pinho: Conceptualização, Escrita – análise e edição, Metodologia; **Altamir Botoso:** Supervisão, Escrita – análise e edição; Validação.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. Heterotopias textuais: escrevendo mundos digitais em La ansiedad e Keres cojer? = guan tu fak. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 69-80, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19420>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1, 2013.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 97-103.
- SILVA, Francisco Vieira; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. Até que o *ghosting* os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 14, n. 2, p. 265-75, 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.142.09>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- TIMERMAN, Natalia. *Copo vazio*. São Paulo: Todavia, 2021.